



BOLETIM DE COMÉRCIO EXTERIOR DA BAHIA JUNHO 2025

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Junho 2025, 3

Importações, 8

Apêndice A – Junho 2025

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Junho 2025

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela V – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países por produtos exportados
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XVI – Importações baianas – Principais países por produtos importados



Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Kailan Matos Pereira (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte

Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

Revisão Ortográfica

2Designers

Editoração

Alderlan Oliveira

As exportações baianas somaram US\$ 5,30 bilhões no primeiro semestre do ano, uma queda de 1,4% em relação ao mesmo período de 2024. Esse percentual de redução está relacionado com a retração dos preços das principais *commodities* exportadas pelo estado (com exceção do café e dos derivados de cacau), já que o volume embarcado cresceu 3,7% no mesmo período, evitando uma contração mais expressiva dos valores. Os preços internacionais dos bens mais importantes da pauta estadual tiveram uma queda média de 4,9% no período, ante 2024.

Com os resultados mensais oscilando bastante, junho fechou com vendas ao exterior de US\$ 800,9 milhões – queda de 21%. As maiores reduções ocorreram nos segmentos de derivados de petróleo (-89%), químicos (-12,6%) papel e celulose (-11,5%) e derivados de cacau (-25,3%).

A retração das exportações no semestre continua puxada pela indústria (-11,8%), em todos os seus segmentos, com destaque para as quedas no refino (-24,8%), nos produtos químicos (-26,3%), papel e celulose (-3,4%) e metalurgia (-2,2%), dentre os mais importantes.

As exportações agropecuárias baianas subiram 10,3% no primeiro semestre deste ano, em relação ao mesmo período do ano anterior. Algodão, café e derivados de cacau puxaram o desempenho positivo. No caso da indústria extrativa, também houve avanço de 7,8%, puxado pela valorização do ouro no mercado internacional.

As exportações baianas para a China, principal destino dos produtos baianos, com uma participação no semestre de 23,6%, caíram 7,7% no semestre, em relação ao mesmo período do ano anterior, reflexo do enfraquecimento dos preços. O volume embarcado para o país, por sua vez, subiu 4,4%. Na mesma base de comparação, as vendas para os EUA também caíram 1,2%, mantendo o déficit para o estado em US\$ 774,5 milhões no período. A desaceleração de exportação aos EUA pode ser resultado de uma demanda menor ou aumento de preço decorrente da política tarifária.

Para a América do Sul, as exportações baianas tiveram alta de 24,7%, com destaque para o aumento das vendas para a Argentina em 20%, motivado pela valorização do cacau, e incremento das vendas de pneumáticos e óleo diesel.

Tabela 1 – Balança comercial – Bahia
Jan.-jun. 2024/Jan.-jun. 2025

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %
Exportações	5.373.909	5.300.857	-1,36
Importações	5.623.379	4.530.442	-19,44
Saldo	-249.470	770.414	-408,82
Corrente de comércio	10.997.288	9.831.299	-10,60

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 jul. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Há pelo menos cinco anos, os EUA têm superávit comercial com a Bahia. Apesar da desvantagem baiana – em relação ao Brasil, o déficit com os americanos se acumula há 15 anos –, o presidente americano ignorou qualquer análise técnica e escalou para uma crise diplomática com a taxa de 50% das exportações brasileiras/baianas a partir de 1º de agosto próximo. O que era uma situação relativamente confortável para o Brasil, diante da guerra comercial mundial de Trump, se transforma em um imbróglia político que não se sabe onde vai parar nem e como será a solução.

Em defesa das empresas e dos trabalhadores brasileiros, e em linha com seu tradicional apoio ao sistema multilateral de comércio, o governo brasileiro considera injustificável e equivocada a imposição de barreiras unilaterais que afetam a relação comercial entre o Brasil e os Estados Unidos, principalmente pelo histórico de cooperação e integração econômica entre os dois países. Segundo os dados do MDIC/Secex, o Brasil mantém um déficit comercial de longa data com os EUA, que foi, no primeiro semestre de 2025, da ordem de US\$ 1,67 bilhão, somente em bens.

O impacto das sanções unilaterais impostas pelo governo americano se estende para além da questão comercial. As vendas para os Estados Unidos representaram 7,4% das exportações baianas no ano passado e 8,3% no primeiro semestre de 2025, com crescimento de apenas 0,9% em 2024 e queda de 1,2% no primeiro semestre, ante o mesmo período de 2024. Mesmo com essa redução, a repercussão da medida do governo americano resvala não só para a atividade econômica, reduzindo mercado, produção, renda e emprego nos setores que exportam para o país norte-americano, mas também para o mundo financeiro, agregando volatilidade, sobretudo, no mercado cambial. Dessa forma, a

depende do tempo que durar a peleja, o impacto deixa de ficar restrito a alguns segmentos exportadores para se disseminar pela economia.

Volatilidade cambial se espalha rápido porque afeta os preços praticados internamente no Brasil, da indústria à agricultura. E, como destacou o próprio presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, a taxa de câmbio tem uma correlação com o custo de produção até mesmo da agricultura familiar. Em outras palavras, uma possível desvalorização do real frente ao dólar pode resvalar para uma alta do preço dos alimentos, o que puxa o índice oficial de inflação e exige, por parte do BC, os juros na estratosfera onde hoje se encontram, além de um ciclo vicioso que se espalharia até a dívida pública.

A crise com uma das maiores potências mundiais ocorre num momento em que, a despeito do desempenho favorável do nível de atividade, de emprego e da renda, há fragilidades na economia brasileira, sobretudo fiscais, que potencializam uma instabilidade financeira. A discussão sobre os gastos públicos e fontes alternativas de receita jogam luz sobre o tamanho e a sustentabilidade da dívida pública. O novo flanco de batalha é preocupante o suficiente para drenar a energia do governo, que tenta superar a maior crise política com o Legislativo.

A Bahia, embora tenha a China como principal parceiro comercial, desde 2012, mantém os Estados Unidos como terceiro maior mercado para suas exportações, tanto em 2024 como no primeiro semestre de 2025, superado por Singapura e Canadá nessa ordem. Em 2024, a China respondeu por 28,2% das vendas externas baianas e 23,6% no primeiro semestre de 2025.

Apesar de ser o terceiro maior destino, as vendas para os EUA, em 2024, corresponderam a 7,4% das vendas baianas ao exterior em 2024 e 8,3% em 2025. Ou seja, em média, vendemos de 3 a 4 vezes mais para a China do que para os EUA. O que diferencia as exportações do mercado americano para o chinês é o seu conteúdo. Ou seja, vendemos mais produtos elaborados (com maior valor agregado) para os EUA do que para a China. Celulose com 27% de participação, químicos com 17%, derivados de cacau com 13%; pneumáticos com 10%; combustíveis com 8,8%; e café com 5,4% respondem por aproximadamente 85% das vendas baianas aos EUA no primeiro semestre do ano. A

imposição de uma tarifa de 50% sobre esses produtos tornará as exportações baianas significativamente menos competitivas no mercado norte-americano, podendo levar a uma redução no volume exportado e, conseqüentemente, na produção, nível de atividade, empregos e geração de renda.

A Bahia, que já enfrenta desafios sociais significativos, pode ter esses problemas agravados por uma possível desaceleração econômica em segmentos estratégicos, provocada pelas tarifas. A busca por novos mercados e a diversificação da pauta de exportações, embora necessárias, exigirão tempo e investimentos, o que pode gerar um período de instabilidade para a atividade econômica, embora restrita aos setores mais importantes envolvidos.

Setores como o de serviços, que absorvem grande parte da mão de obra, também podem ser afetados indiretamente pela redução do poder de compra da população e pela diminuição do fluxo de investimentos. A cadeia produtiva, desde o pequeno produtor rural até as grandes indústrias, sentirá os efeitos da retração do mercado externo, com conseqüências para toda a sociedade baiana. A vulnerabilidade social de comunidades que dependem diretamente das exportações para os EUA será acentuada, exigindo atenção e ações coordenadas do poder público e da sociedade civil.

Tabela 2 – Exportações Bahia-EUA – Principais segmentos – Jan.-jun. 2024/Jan.-jun. 2025

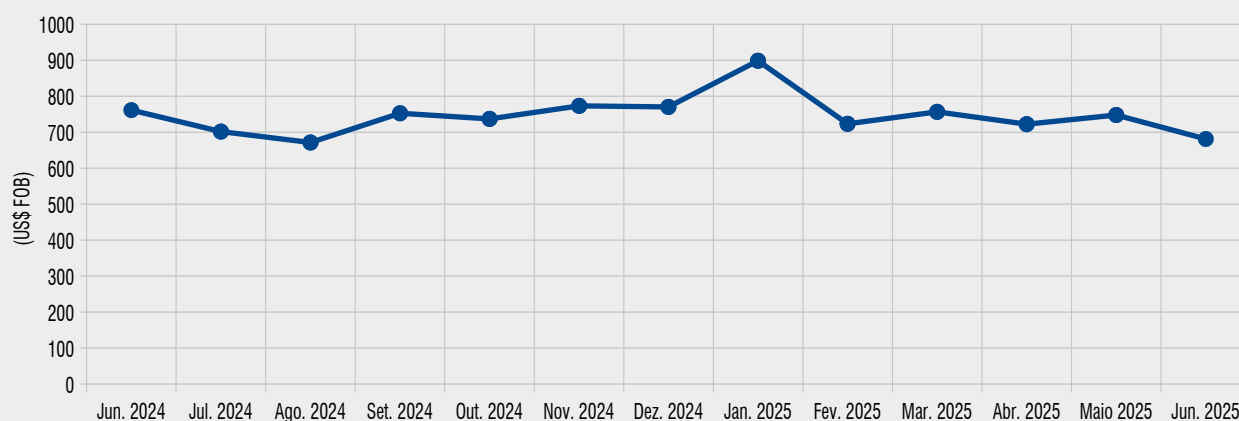
Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %
	2024	2025		
Papel e Celulose	111.425	118.093	5,99	26,84
Químicos e Petroquímicos	82.560	62.286	-24,56	14,16
Cacau e Derivados	32.150	57.804	79,79	13,14
Borracha e Suas Obras	55.903	39.993	-28,46	9,09
Petróleo e Derivados	1.764	38.435	-	8,74
Café e Especiarias	12.811	23.706	85,05	5,39
Frutas e Suas Preparações	9.247	18.384	98,82	4,18
Sisal e Derivados	9.438	12.672	34,27	2,88
Minerais	7.555	6.668	-11,75	1,52
Metalúrgicos	17.685	6.057	-65,75	1,38
Demais Segmentos	6.792	5.146	-24,24	1,17
Total	445.330	440.005	-1,20	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 10 jul. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

À luz do impacto efetivo das medidas sobre as exportações brasileiras e baianas, o governo do Brasil buscará, em coordenação com o setor privado, defender os interesses dos produtores nacionais junto ao governo dos Estados Unidos. Em reuniões já previstas para as próximas

semanas, avaliará todas as possibilidades de ação no campo do comércio exterior, com vistas a contrarrestar os efeitos nocivos das medidas norte-americanas bem como defender os legítimos interesses nacionais, inclusive junto à Organização Mundial do Comércio.

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – Jun. 2024-Jun. 2025



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 jul. 2025.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado em junho oscilaram negativamente em relação a maio em 9%, ficando também abaixo dos preços médios do mesmo mês de 2024, com recuo de 10,5%.

A evolução de preços de *commodities*, que tem mostrado tendência de queda, é um dos riscos para o desempenho das exportações estaduais esperado em 2025.

No acumulado do ano até junho, a queda em relação ao mesmo período de 2024 chegou a 5,7%, com redução em praticamente todas as *commodities* exportadas pelo estado, com exceção do café e seus derivados e do ouro.

A médio prazo, no entanto, a continuidade do processo de estabilização da economia e do câmbio depende da retomada da confiança do mercado financeiro de capitais no país; do desempenho das exportações agropecuárias; e da evolução dos preços do petróleo e minérios.

Tabela 3 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-jun. 2024/Jan.-jun. 2025

Segmentos	Peso (ton)		Var. %	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2024	2025		2024	2025			
Soja e Derivados	2.523.568	2.902.442	15,01	1.132.669	1.106.717	-2,29	20,88	-15,05
Petróleo e Derivados	1.962.316	1.670.503	-14,87	1.153.361	866.695	-24,85	16,35	-11,73
Papel e Celulose	1.547.425	1.566.113	1,21	718.547	694.413	-3,36	13,10	-4,51
Algodão e Seus Subprodutos	203.227	248.816	22,43	385.950	398.299	3,20	7,51	-15,71
Metais Preciosos	329	326	-1,01	337.038	461.121	36,82	8,70	38,21
Café e Especiarias	41.861	52.251	24,82	139.453	318.152	128,14	6,00	82,78
Químicos e Petroquímicos	333.243	275.989	-17,18	462.137	340.783	-26,26	6,43	-10,96
Cacau e Derivados	21.246	26.285	23,72	179.780	304.133	69,17	5,74	36,74
Minerais	282.261	328.051	16,22	340.609	269.535	-20,87	5,08	-31,91
Metalúrgicos	74.765	90.372	20,87	116.903	114.327	-2,20	2,16	-19,09
Borracha e Suas Obras	17.621	16.201	-8,06	98.444	90.900	-7,66	1,71	0,43
Frutas e Suas Preparações	59.175	72.644	22,76	88.266	84.667	-4,08	1,60	-21,86
Sisal e Derivados	29.351	35.691	21,60	36.739	48.340	31,58	0,91	8,21
Calçados e Suas Partes	1.101	1.270	15,32	41.534	40.761	-1,86	0,77	-14,90
Milho e Derivados	24.889	92.761	272,69	5.552	19.840	257,33	0,37	-4,12
Couros e Peles	10.521	14.966	42,25	28.870	25.444	-11,87	0,48	-38,05
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	2.166	858	-60,40	24.188	14.299	-40,88	0,27	49,29
Fumo e Derivados	812	527	-35,07	19.315	16.952	-12,23	0,32	35,17
Carnes e Miudezas Comestíveis	4.548	4.580	0,71	15.821	18.751	18,52	0,35	17,69
Demais Segmentos	52.779	60.461	14,55	48.686	66.716	37,03	1,26	19,62
Total	7.193.206	7.461.106	3,72	5.373.909	5.300.857	-1,36	100,00	-4,90

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 jul. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

A soja e seus derivados permaneceram na liderança da pauta, mesmo com uma queda em seus preços médios no semestre em 15% no comparativo anual. Os embarques do setor, contudo, avançaram também 15% no período, resultado da boa safra colhida desde meados do ano. Ainda assim, as receitas tiveram recuo de 2,3%, comparadas ao mesmo período de 2024.

Nos derivados petróleo houve queda de 14,9% no volume embarcado, de 11,7% nos preços médios, resultando em redução do valor exportado em 24,8%, a US\$ 866,7 milhões. O recrudescimento das tensões na relação comercial entre os Estados Unidos e a UE pesaram sobre o mercado. Na Intercontinental Exchange (ICE), o barril do petróleo tipo Brent, para entrega em setembro, fechou em queda de 0,35%, a US\$ 69,28 por barril. Já na New York Mercantile Exchange (Nymex), o petróleo WTI para agosto perdeu 0,30%, a US\$ 67,34 por barril.

No setor de papel e celulose, os embarques tiveram crescimento de 8,4% no semestre, enquanto os preços médios despencaram 18,4%. Segundo Guilherme Miranda, diretor da Suzano, a maior fabricante de celulose de eucalipto do mundo, a empresa com unidade no sul baiano encontrará formas de vender seus produtos para outros mercados diante das novas tarifas anunciadas pelos Estados Unidos sobre produtos do Brasil.

Segundo o executivo da empresa, o Brasil é responsável por cerca de 83% da celulose importada anualmente pelos EUA.

Ele afirmou que a empresa ainda não viu impactos no curto prazo da tarifa de 50% anunciada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, a partir de 1º de agosto, sem desistências ou cancelamentos de pedidos.

Miranda destacou que o cenário ideal seria a manutenção das relações comerciais estabelecidas ao longo dos anos com a América do Norte, observando que o consumidor da região deverá absorver o custo adicional gerado pelas tarifas.

A indústria extrativa cresceu 7,8% em receitas no semestre, no rastro da valorização do ouro no mercado internacional. O setor de mineração pode reavaliar para baixo seus investimentos no Brasil até 2029, em razão do anúncio recente pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de tarifas de 50% sobre produtos brasileiros, afirmou o Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram).

No setor químico/petroquímico, os embarques caíram 17,2%, os preços 11% e as receitas 26,3%. O setor químico, à semelhança do que ocorre no país inteiro, vem sofrendo com a redução da demanda externa e a entrada de concorrentes no mercado. O setor químico e petroquímico contribuiu negativamente nos resultados da indústria baiana, principalmente em razão da menor fabricação de bens químicos de uso industrial.

De modo geral, o segmento foi afetado pela menor demanda externa e pela entrada de novas capacidades de produção, especialmente de PVC – policloreto de vinila – em outros países. Houve também aumento nos custos de matérias-primas – da nafta e do gás natural. No mercado externo, esse segmento continua enfrentando dificuldades para competir, o que tem provocado paralisação de unidades produtivas dentro do estado. O anúncio do tarifaço de Donald Trump introduziu mais incertezas no mercado.

As importações alcançaram US\$ 4,53 bilhões no primeiro semestre, também com recuo de 19,4% devido à redução no ritmo da atividade econômica, o que resultou numa queda de 24,7% no volume desembarcado, enquanto que os preços subiram em média 7%, todos no comparativo interanual.

O destaque nas importações do acumulado do ano vai para as compras de bens de capital, que saltaram 80,6%, atingindo US\$ 415,1 milhões, resultado dos novos empreendimentos em curso no estado, que incluem a instalação de novas unidades produtivas, como em energias renováveis e a indústria automotiva.

Tabela 4 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-jun. 2024/Jan.-jun. 2025
(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	2.802.075	2.965.894	5,85	65,47
Combustíveis e lubrificantes	2.514.704	1.059.396	-57,87	23,38
Bens de capital (BK)	229.828	415.061	80,60	9,16
Bens de consumo (BC)	76.225	86.100	12,96	1,90
Bens não especificados anteriormente	547	3.991	629,58	0,09
Total	5.623.379	4.530.442	-19,44	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 jul. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

No semestre, as importações aumentaram em três das quatro categorias econômicas. A exceção foi o combustível, com queda de 57,9%, sempre comparado a igual período do ano anterior.

As importações de origem chinesa cresceram 80,8% no semestre em valor e 75% em volume. O país desponta agora como segundo maior fornecedor de bens para o estado, principalmente de células fotovoltaicas, fertilizantes e máquinas e equipamentos. O país asiático respondeu no semestre por 15% das compras baianas do exterior. A compra de produtos chineses tem aumentado a taxas bem acima do total das importações, com alta forte dos volumes e queda de preços.

O superávit comercial da Bahia no primeiro semestre chegou a US\$ 770,4 milhões, contra um déficit de US\$ 249,5 milhões em igual período do ano passado. A corrente de comércio, soma de exportações e importações, alcançou US\$ 9,83 bilhões, com uma retração de 10,6%.

